

Francisco Paraíso



“Eu fui preso por causa da canção *Abadá*”

Chico Paraíso nasceu na Ilha do Príncipe. Iniciou a sua carreira musical em 1972 quando integrou o conjunto Cabana. Ainda na década de setenta integra o conjunto “Os Diabos do Ritmo”, até 1975. Em 1976 funda o conjunto “África Verde”, em azeitona, dependência da Roça Sundry, na Ilha do Príncipe. Em 1986, desloca-se à Angola, a convite das Linhas Aéreas de Angola, para uma actuação, por ocasião dos festejos do Primeiro de Maio, Dia do Trabalhador. Em 1989, segue para Portugal com o conjunto “África Verde”, a convite do músico Gilberto Umbelina, onde tem a oportunidade de fazer várias actuações dentre as quais no “Fórum Picoas” e, lança o seu primeiro trabalho discográfico no estúdio “Chá-chá-chá”, em colaboração com o Carlos Santos. Em 2011, lança o seu segundo álbum intitulado “Ié Balança”. Continua a sua vida artística até aos nossos dias compondo, musicando e interpretando músicas de intervenção social.

P: Chico Paraíso, muito boa tarde. Estou à conversa com Chico Paraíso, um homem da cultura, um homem da música, um homem que teve, em vários momentos de sua vida, variados e diferentes encontros com a música. É compositor e interprete..., olha Chico, estou a fazer um trabalho sobre resistência e afirmação cultural, no período que vai de 1960 a 1980. Fale-nos dos momentos em que se encontrou com a música, que música fez que tenha contribuído para resistência e afirmação cultural.

FP: Muito obrigado Sra. Natália pela oportunidade dada. Eu comecei a tocar em 1972 no conjunto "Diabos do Ritmo" com o Nelinho, Gilberto, Salomé, toda essa gente. Mais tarde fui para o "Cabana" eu e o meu compadre João Seria e, fizemos uma digressão para São Tomé. O meu compadre João Seria ficou em São Tomé e eu regresssei para o Príncipe em 1975. Regresso para o Príncipe e crio o conjunto "África Verde". Eu fundei o "África Verde" na roça Azeitona. O primeiro solista do "África Verde" foi o Armindo da Conceição, que já morreu. Até me recordo da nossa primeira canção, foi "Amigo Sebastião". Daí, segui a minha carreira de músico a solo? Fiz várias actuações e muitas digressões. Fui a Portugal em 1979 e fiquei 17 dias numa digressão. Eu e o meu compadre João Seria. Sempre que eu falo, não me esqueço desse nome, um grande amigo meu, compadre João Seria.

P: Quais são as músicas que fez que tenham contribuído para a afirmação cultural e para a resistência contra o regime colonial fascista?

FP: Fiz várias, minha senhora. Uma delas é "*Ê Chigora za*" (Já chegou o momento)

P: Vamos falar dessa "*Ê Chigora zá...*" O que o inspirou que o levou a escrever esta música?

FP: Eu trabalhei muito com pessoas antigas e a música "*Ê Chigora za*" significa que chegou o momento para nós sabermos de nós e tomarmos as rédeas das nossas vidas, pura e simplesmente. Fiz muitas canções...

P: Qual é a outra?

FP: Cantei o "Chico Paco"¹. Eu não gosto de falar muito do Chico Paco, pois ..., olha como Guimarães Vasconcelos está agora.

P: Essa música era contra o regime?

Só agora é que o posso dizer. Também compus uma canção de nome "*Abadá tan zuan Belo (lamba-lamba² invadiu a Escola João Belo)*" com o mesmo objectivo. Quem lá for neste momento, ainda encontra essa planta que no Príncipe chamamos *Abadá*. É uma planta ruim. Eu tenho um livro com isso.

¹ "Cico Paco" era uma residência, tipo comboio, que era moradia para um grupo considerável da população. Porém, a falta de cuidados fez com que a tal casa ruisse deixando os moradores em desassosego.

² Lamba-lamba é uma planta trepadeira, de s. Tomé e Príncipe, também chamada de "raiz voadora".

P: Tem aqui algum exemplar?

FP: Não. Já estão todos esgotados. "*Abada tan zuan belo*" que é o "*lamba- lamba*" é uma planta ruim.

P: Outra música contra o regime colonial.

FP: Contra o regime colonial..., quando comecei a cantar, eu comecei já a fazer questão das coisas recentes. Porque quando eu canto o "Bloco de apartamento" não era contra o regime colonial, porque eu comecei a cantar em 1971.

P: Mas começou em que ano? Nós só fomos independentes em 1975.

FP: Foi em 1972. Eu não cantei diretamente no regime colonial. Quem cantou durante o regime colonial foram os "Diabos do Ritmo", os "Répteis" quem já fazia a percussão era o Nelinho, o Salomé o Peque, o Gilberto.

P: Quem é que pode falar dos "Répteis"?

FP: O Sr. Siel. As minhas canções são mais recentes.

P: Tem as letras dessas canções?

FP: De cor e salteado.

P: Então vamos começar com o "*Ê Chigora zã*".

FP: "*Ê chigora zã...*" Já passou o nosso tempo. Recordo-me muito bem que fiz esse trabalho e apresentei-o no cinema Marcelo da Veiga em São Tomé, num concurso. Não são só essas, tenho mais outras canções com a mesma finalidade. Eu sempre achei as pessoas antigas mais didáticas e aprendi como elas : "*Habada*", "*Aguidoxi*", "*Balançã*".

P: Essa de "*Abadá*" como é que é?

FP: " pia mó Abada tan zuan belo..." - "vejam como a Lemba lembba invadiu a escola João Belo" . Recordo-me ainda quando estava o senhor Bonifácio e. D. Amélia. Eu fui preso por causa desta canção.

P: Muitas pessoas não sabem o que é "*Abadá*". O título da música é mesmo "*Abadá*"?

FP: Sim. São elas: "*Êchigola zã*", "*Chico Paco*", "*Abadá ta zuan belo*"... "Aquela maternidade sem luz, sem vida", "Bloco de apartamento". Eu tenho muitas canções no meu repertório, mas qual é que a senhora mais gostou?

P: Também gosto de "*Yé Balançã*". Fazemos assim: Eu quero as letras de "*Ê chigola zã*", "*Chico Paco*", "*Abadá ta zuan belo*", "Aquela maternidade sem luz, sem vida", "Bloco de apartamento" e "*Ye balançã*". Por que "*Ye balançã*"?

FP: Foi a transição, quando entrámos na Autonomia eu não estava cá fisicamente. Esse trabalho foi em 1980, mais ou menos, para mostrar alegria da população da ilha do Príncipe por ser uma Região Autónoma.

P: Muito obrigada Chico Paraíso. Se lembrar de mais alguma avisa e, não se esqueça das letras das músicas que eu pedi.

FP: Eu não me esqueço. Muito obrigado

Ano de 2023
Entrevistadores: Natália Umbelina
Edição: Paula Ferreira

